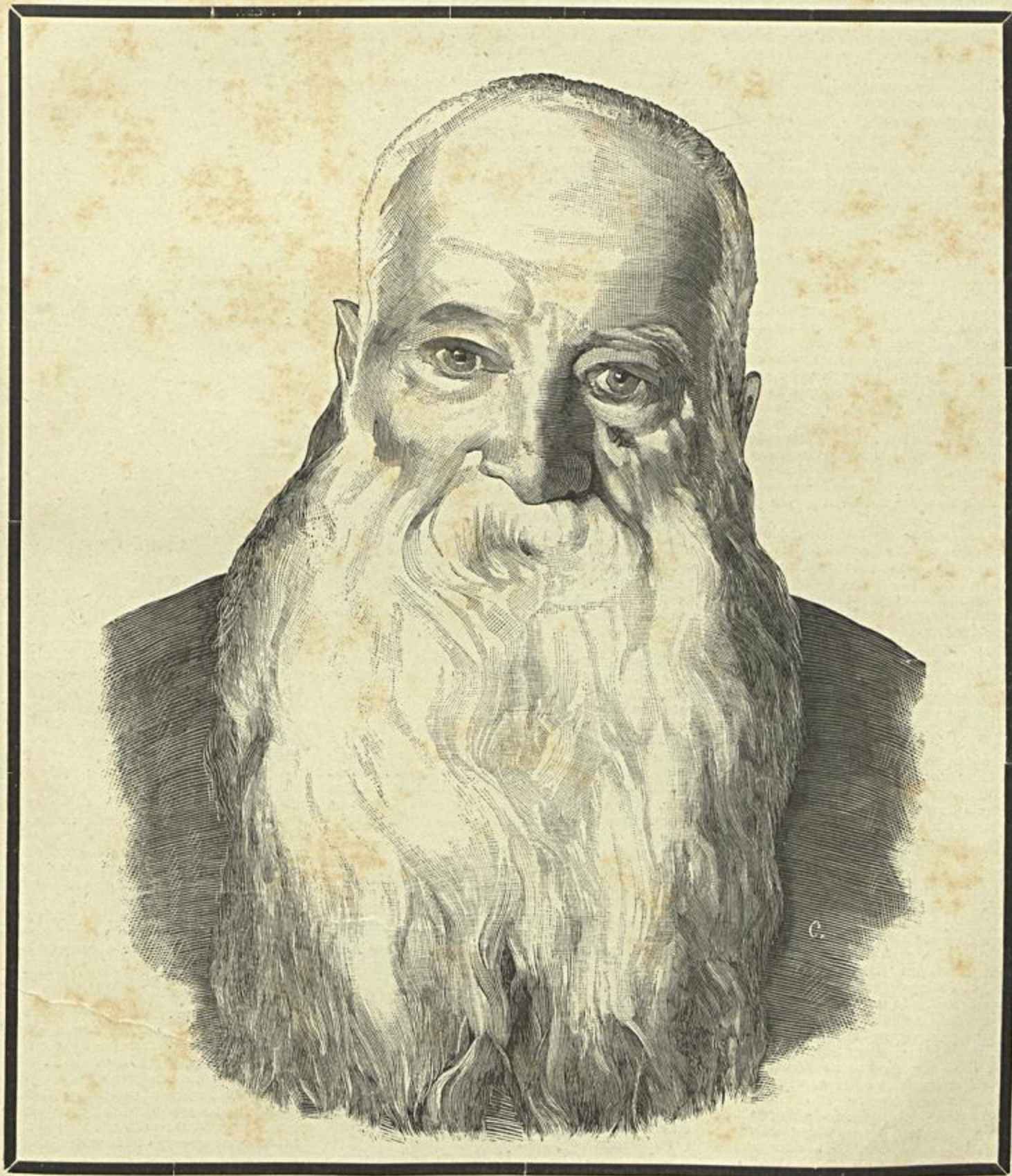
REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

XIII ANNO | 11 DE OUTUBRO DE 1890 | VOLUME XIII — N.º 425

ALPHONSE KARR — FALLECIDO EM 1 DO CORRENTE

(D'um retrato de Carolus Duran)

CHRONICA OCCIDENTAL

O theatro de D. Maria, no dia em que esta chronica apparecer terá já dado a sua primeira peça nova da estação, a *Lucta pela vida* uma obra litteraria de valor, firmada por um dos nomes mais illustres das lettras francezas contemporaneas o de Alphonse Daudet, e o theatro do Gymnasio dá no proprio dia em que este numero sae á luz uma comedia nova tambem, a *Perche*, que figura entre as mais alegres do reportorio moderno da França, e estes dois theatros dando peças novas fazem um verdadeiro serviço n'este tempo, porque afastam por momentos o espirito do espectaculo profundamente triste e desconsolador que a politica portugueza nos está dando.

Sabe bem affastar os olhos e o pensamento d'essas mesquinhas e vergonhosas luctas partidarias, que para ahi se fazem sem pudor, n'um dos momentos mais graves e perigosos que a Patria tem atravessado n'esta ultima metade de seculo, sabe bem deixar um momento de fallar de ministerios e de partidos para se fallar d'arte e de litteratura.

Bem hajam portanto o theatro de D. Maria e o theatro do Gymnasio que abrem este agradavel parenthesis nas preoccupações tristes e nas discussões fatigantes e repugnantes, que tem constituido toda a vida de Lisboa ha tres semanas a esta parte.

Aproveitamos com prazer e com enthusiasmo esses *aosis* que ao nosso espirito abrem essas duas peças, e apesar da luz da ribalta ainda as não ter allumiado no momento em que escrevemos, como d'ambas temos conhecimento intimo vamos consagrar-lhes a nossa chronica de hoje.

A *Lucta pela vida*, drama em cinco actos e seis quadros representado pela primeira vez com um successo enorme no Gymnasio de Paris, ha quasi um anno—em 30 d'outubro de 1889—e agora traduzido pelo sr. Jayme de Seguier, é o maior triumpho que Alphonse Daudet tem alcançado em theatro, ou para fallarmos com mais precisão é o primeiro triumpho alcançado como dramaturgo por Daudet, que como romancista tem um successo em cada livro novo que atira para a publicidade.

Do mesmo modo que Emilio Zola, Alphonse Daudet tem tido sempre mediocres exitos em theatro: o seu *Nababo*, o seu *Jack*, os seus *Reis no Exilio*, o seu *Fromont Jeune e Ruler ainé* passaram sem enthusiasmar as multidões, tiveram vida ephemera na scena.

A *Lucta pela vida* veio e triumphou em toda a linha, porque é um verdadeiro drama, pungente, commovente, interessante, *suggestivo* como se diz hoje no calão litterario da moda.

Contemol-o rapidamente.

Paulo Astier era um architecto sem escrupulos e sem consciencia, que por dinheiro unicamente casou com uma mulher mais velha do que elle vinte annos, a duqueza de Padovani.

Rico com o dinheiro de sua mulher Paulo fez-se eleger deputado, mas a sua vida libertina e devassa offendeu a duqueza na sua dignidade de esposa e obrigou-a a abandonal-o retirando se para o seu palacio de Mousseaux.

O banqueiro, porém, em casa de quem estavam depositados todos os haveres da duqueza, quebra, e Paulo acha-se arruinado no momento em que é nomeado sub-secretario d'Estado.

Fiado na sua sorte Paulo concebe um plano audaz: decidir a duqueza a divorciar-se e a vender o palacio de Mousseaux para o qual tem já compradora—uma rica hungara, Esther de Séleny—que está namorada de Paulo.

A peça começa quando um escrevente de procurador, chamado Chemnieau, vem de Mousseaux onde fôra para vêr se decidia a duqueza a divorciar-se, mas perdera o seu tempo e a sua diplomacia. A duqueza recusa-se ao divorcio, primeiro porque é muito altiva e digna, segundo porque ama ainda seu marido.

Chemnieau conta o triste resultado da sua missão a Paulo, emquanto d'um gabinete contiguo uma rapariga, Lidya Vaillant, filha d'um antigo empregado dos correios, protegido pela duqueza, e a quem Paulo seduzira sem a amar, faz a sua *toilette*.

N'isto vem duas visitas, o pae de Lydia e o seu noivo.

Paulo assenta-se, imaginando que se trata da seducção de que elle é culpado, mas não se trata d'isso, e apenas da renovação d'um arrendamento que a duqueza consentira para ajudar o seu protegido o pae de Lydia.

Paulo tranquilisado sobre o motivo que traz ali o pae da sua victima, responde-lhe brutalmente que não póde acceder a esse arrendamento pelo preço minimo que a duqueza lhe fizera.

—Meus amigos, em negocios não póde haver sentimentalidades, diz elle. A lei de Darwin é quem governa: o senhor que meche em sciencias, que é chefe d'um laboratorio, conhece a bella formula da luta pela vida, não é assim?

— Conheço responde Vaillant o pae de Lydia — extermina-me, ou eu te extermino.

— E' a lei da natureza, e é a que eu sigo!

Os dois retiram-se cabisbaixos e tristes, e Paulo medita um novo plano, ir elle proprio e reconquistar o amor de sua mulher para a submetter a todas as suas vontades e rompendo as suas relações com Lydia parte para o palacio de Mousseaux.

É ali que se passa o segundo acto.

A duqueza de Padovani conta a uma amiga todos os seus pezares, pois sabe da ligação de seu marido com Lydia, e da côrte que elle faz a Esther a hungara millionaria.

O pae de Lydia vem entretanto pedir á duqueza o renovamento do arrendamento que Paulo lhe recusara.

A duqueza recebe-o duramente porque o imagina cumplice nas relações de sua filha com Paulo, mas o espanto d'elle a umas allusões a essa infamia, prova-lhe que elle está innocente e promette-lhe o que elle lhe pede.

Paulo tem alcançado de sua mulher a venda do palacio e começam a chegar visitantes para o verem.

Entre esses visitantes vem Esther, com sua tia a marechala de Séleny e o conde Adriani, um militar italiano.

Paulo apresenta-se em seguida.

A duqueza recebe-o desdenhosamente, com supremo desprezo, mas Paulo torna-se summamente acariciador, terno e acaba por vencer sua mulher, por fazer com que ella consinta em voltar com elle para Paris a viverem vida em commum.

O terceiro acto, passa-se em casa de Vaillant, o pae de Lydia.

Paulo nunca mais lhe appareceu, mas Esther a quem Lydia que é muito intelligente e instruida faz traducções de documentos estrangeiros, vem e falla-lhe no seu projecto de casamento com Paulo Astier. Lydia dominando a sua commoção resolve sahir de casa, dar um passo decisivo.

O quadro immediato passa-se no quarto de dormir de Paulo, sub-secretario d'estado. O seu secretario e Chemnieau, que já conhecemos do primeiro acto estão á espera d'elle. Paulo vem e emquanto se despe e veste para o jantar que n'esse dia dá em sua casa a ministros, diplomatas academicos, explica a Chemmeau as causas da sua demora.

Ao passar pela avenida Gabriel onde ficava a casa em que costumava encontrar-se com Lydia viu a casa toda illuminada; entrou e encontrou Lydia estorcendo-se nas agonias d'um veneno que roubara do laboratorio do seu noivo.

Paulo tirou-lhe o resto do veneno e entregou-a a ella aos cuidados dos medicos e de repente passa-lhe pelo espirito uma idéa sinistra de servir-se d'esse veneno para se desembaraçar de sua mulher. N'isto a duqueza entra e elle offerece-lhe graciosamente o braço para a conduzir á sala onde estão os seus convidados.

No quinto quadro tem terminado o jantar e Paulo está dominado por essa sinistra idéa que o fascina.

A occasião apresenta se e o miseravel não resiste a ella.

A duqueza sente-se incommodada e pede um copo d'agua: Paulo prepara-lhe a agua e offerece-lh'a, mas no momento em que vê a sua victima levar o copo aos labios, falta-lhe a coragem e exclama:

— Não bebas!

Ella ergue-se e diz lhe:

— Não tens então a coragem d'ir até ao fim? Não és um homem forte? Pois estava bem combinado! Acontece todos os dias uma pessoa de idade madura morrer subitamente em plena festa. A audacia do teu crime cobrir-te-hia. E tu páras no momento proprio! Commoves-te por tão pouco e tremes. Não passas d'um cobarde!

Paulo quer protestar.

— Ha muito tempo já que eu ando á espera d'este momento, porque tinha a certeza de que havias de chegar a isto! Deu-te a vertigem do crime. Tinhal-a ainda agora nos olhos, via-a pelo espelho. E se eu chamasse, e se eu abrisse essas portas, e se dissesse a toda a gente: «Ahi tem um assassino, prendam-n'o!

E depois, vendo seu marido a tremer a duqueza atira o veneno pela janella fóra.

— Tu, n'um cadafalso, nunca! Mas querias verte livre de mim e ver-te-has. Consinto no divorcio.

No sexto e ultimo quadro, o divorcio tem sido pronunciado e toda a gente se reune no palacio de Mousseaux para o leilão da casa.

O leilão sobe a grande preço: um par de pistolas é disputado com phrenesi por Vaillant, o pae de Lydia. Arremata-as, retira-se um momento para as carregar e depois volta á scena e diz a Paulo:

— Luctamos pela vida, não é assim? O forte devora o fraco, e então supprimo-te bandido.

— *Adjugé!* grita o castellão ao fundo e Paulo cae morto aos pés de Esther.

Aqui tem em resumo, a peça que o theatro de D. Maria deve ter dado no dia 9 e que em Paris teve um successo extraordinario.

Deve-se confessar porém que grande parte d'esse successo foi devido ao desempenho notabilissimo que teve, sobretudo pela Pasca que era extraordinaria no papel de duqueza e Marais no de Paulo.

A scena do envenenamento era d'um effeito poderoso, e produzia na platéa uma sensação enorme.

Terá a peça em Lisboa o mesmo successo?

Ignoro-o, mas desejo-o sinceramente, e ás horas em que lerem esta chronica já saberão os meus leitores se a *Lucta pela vida* teve em Lisboa o mesmo exito brilhante que teve em Paris.

E a respeito da *Perche*, ou *Taboa de Salvação* esperamos para d'aqui a dez dias dizer d'ella, pois está a terminar o espaço de que podemos dispor.

Só diremos hoje que n'essa peça entram o Valle, o Silva Pereira e o Marcelino Franco, o grande terceto comico do Gymnasio e que debuta n'ella uma actriz que o publico de Lisboa conhece pouco mas a quem o publico do Porto quer muito — a talentosa e festejada actriz Amelia Garraio.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

ALPHONSE KARR

Alphonse Karr, essa bella intelligencia que a França acaba de perder, cultivou todos os generos de litteratura, e com exito. *Sous les tilleuls*, romance com que elle, aos vinte e quatro annos, se estreou no *Figaro*, passa sem favor por uma obra prima.

Mas Alphonse Karr era principalmente um critico; um satirico, para melhor dizer; não á maneira de Persio ou Juvenal. Nunca o ouvimos declamar nem fulminar anathemas contra as creaturas venaes ou corrompidas. Ao redigir as suas *Guêpes*, pamphleto periodico que elle começou a publicar em 1839, fosse qual fosse o sentimento intimo que o animasse, conservou sempre um sangue frio irreprehensivel; a commoção presente-se, mas está perfeitamente dissimulada sob apparencias criticas e maledicentes. Como que diligenciou apenas pintar a natureza humana, e não expoz a sua obra como ensino nem como protesto. E' este o unico processo acceitavel, tractando-se de uma narração extensa: toleram-se um sermão de vinte paginas e uma declamação de duzentos versos, mas não se poderiam ler de um folego tres volumes de sermões e de satira violenta.

Por instincto ou calculo comprehendeu isto Alphonse Karr. Deu-se todo á sua veia motejadora, mas quasi sempre em tom chistoso; entretem-nos como esses bons cavaqueadores que glosam os actos de toda a gente: e uma vez que nos deu esse prazer, julgou-se dispensado de usar de indulgencia. Essa a razão porque nos apresentou com a maior franqueza o resultado das suas reflexões tristes; poucos homens encontrou sem mancha; e mercê do tom ironico que adoptou, fez com que assistissemos sem grande commoção a um espectaculo em verdade bem pouco lisonjeiro para o amor proprio dos seus compatriotas.

Mas essa observação minuciosa dos ridiculos e vicios da sociedade deixou na alma honesta de Karr, que d'elles ria, uma profunda magoa. Por muito tempo julgámos Heraclito mais sensivel que Democrito; mas, reflectindo, viemos a reco-

nhecer que um certo riso denuncia ás vezes melhor que as lagrimas um sentimento profundo e uma dor generosa. Esse apparente desdem da humanidade encobre alta estima; o espanto dos grandes poetas e dos grandes philosophos na presença de certas baixezas testemunha a sua fé ingenua na nobreza dos seus semelhantes; a sua ironia exprime a decepção, e riem porque teem coragem sufficiente para se entregar a esse debil desespero que estala em soluços. Mas se elles são mais firmes, mais fortes, não se commovem menos que os mais nobres desacoraçoados. É uma questão de temperamento apenas; em Heraclito e Democrito o pensamento philosophico é o mesmo; só as suas organizações nervosas differem, e, quer um ria quer outro chore, o ponto é saber se se preoccuparam seriamente do homem, *proper study of mankind*, como dizia Pope.

O velho redactor do *Figaro* era um d'esses pensadores attentos, um d'esses espiritos altivos que fazem o seu estudo das questões moraes. Está n'isso, a nosso ver, o seu verdadeiro merito, e não lhe queremos mal por haver instinctivamente tomado a forma ironica familiar a tantos homens illustres, desde Democrito e Socrates até Cervantes, Ariosto e Moliére. Tenha a ironia um fim nobre, incline-se ante o que é sagrado ao atacar o vicio; ao passar a Musa pela frente da virtude, da honra, dos objectos de veneração secular, arranque-lhes a mascara ridicula e deixe ver a sua figura serena, dar-nos-hemos por satisfeitos. Alphonse Karr era sem duvida um zombeteiro, mas sabia respeitar o que merece respeito, e por isso pode-se acceitar no todo a sua obra, vasta satira dos excessos, ridiculezas, paixões vergonhosas que enxameiam no coração do homem civilizado.

O illustre parisiense falleceu na sua casa de Saint-Raphael (Var), onde se entregava com amor aos trabalhos de floricultura e horticultura. Era filho de um pianista de origem allemã. Contava oitenta e dois annos de edade.

O INCENDIO DA ALHAMBRA

Ninguem medianamente illustrado desconhece a Alhambra por d'ella ter lido descripções ou a ter visto com os seus proprios olhos.

O famoso alcaçar dos reis arabes é hoje o monumento mais importante da architectura arabe na peninsula hespanica, e n'elle não sabemos que mais admirar, se as bellezas d'aquella architectura originalissima e delicada, expressão caracteristica de uma raça intelligente e vivaz, se a conservação em que se encontra este alcaçar secular, atravez de todos os estragos do tempo e dos homens.

Não se tem obtido isto sem muitos cuidados e despendios de dinheiro, mas esses cuidados remontam a epocas mui distantes em que os reis de Hespanha tem sempre tido pelo alcaçar de Granada uma particular dedicação. D'ella escreve o nosso collega de Madrid *La Illustracion Española y Americana* citando o auctor do livro *Granada*.

«E' a corôa de pedra em que cada rei incrustou um de seus thesouros; é o livro em que todos procuraram consignar sua gloria.

«Cresceu de seculo em seculo e todos os dias augmentou em explendor; a que esteve coberta de ouro e de cores, suas salas cercadas de jardins, seus muros de hortas e as vertentes da serra em que está sentada, de bosques; de alegres prespectivas os seus encantados mirantes, e era ainda na queda dos seus reis o diadema de Granada, a rainha dos palacios, a mais preciosa joia da architectura do Oriente, cativou de tal modo as vistas dos seus proprios vencedores, que mesmo depois de entregue a mãos inimigas, recebeu louvores poi sua formusura e não era só respeitada mas querida e acariciada.

«Desmoronada pela acção lenta dos annos, sacudida pelos estremecimentos da terra, derribada por espantosas detonações, achou sempre n'estes monarchas, (Carlos I e Filippe II) uma mão que a levantasse das ruinas. Estava só deserta, privada já das suas flôres, dos seus divans e suas lampadas de suas soltanas e dos seus reis; vivia condemnada á orphandade, ao silencio da morte, mas nunca deixou de ter quem recolhesse e restaurasse suas murchas gallas, e respeitando seu caracter e sua origem a embellezasse com novas joias lavradas segundo o gosto de seus fundadores.»

Para occorrer as despezas de conservação e embellezamento da Alhambra chegaram a haver imdostós especiaes que ainda no seculo XXII se pagavam na provincia de Granada.

Depois d'aquella epoca, porém, o alcaçar dos antigos reis de Granada deixou de ter os mesmos cuidados com que até ali o tinham conservado, e a sua decadencia principiou. Entretanto o referido articulista diz:

«A Alhambra no meio do seu abatimento, conserva todavia pateos e salões que revelam a sua antiga magnificencia e merecem ser guardados como ricas joias, estudados como modelos de architectura, lidos como livros em que estam encerrados os mais ternos e preciosos conceitos de homens da mais ardente phantasia. Está cercada de monumentos d'outro povo e de outros seculos, porem esses mesmos monumentos fazem resaltar mais a formosura de suas formas.»

Foi este encantado palacio, esta joia do Oriente engastada n'esta peninsula, que um violento incendio destruio em parte, na noite de 15 de setembro ultimo.

O incendio manifestou-se principalmente no vestibulo e sala denominada de *La Barca*, não se sabe, porem, como teve principio, havendo graves aprehensões que foi posto por mão vingativa ou desalmada.

Felizmente conseguiu-se localisar o incendio de modo que elle não estendesse muito alem a sua obra de destruição.

O que mais soffreu foi o vestibulo que precede a sala de *La Barca*: N'esta sala abateu o tecto.

A sala de *La Barca* tem decorações primorosas em relevo, que foram restauradas em differentes epocas com pouco conhecimento da arte arabe, segundo diz o sr. Valladar n'um seu livro recente, arrespeito da Alhambra.

As pinturas d'esta sala tambem não foram melhor restauradas para a estada de Filippe V ali, tempo em que a esta sala se chamou *quarto dourado*.

As galerias do pateo de *La Alberca* ou de *Los Arrayanes*, tambem foi destruida pelo incendio. Este pateo occupa a parte central do edificio e a *Alberca* que lhe dá o nome está ao centro d'elle cheia d'agua.

A galeria da direita de quem entra é composta de oito columnas de marmore de Macael com elegantes capiteis differentes sobre os quaes posam airosas arcadas. Outra galeria alta não menos bella completa este lado do pateo. A galeria do lado opposto, um pouco differente da primeira, é tambem de incontestavel belleza.

Os tectos d'estas galerias eram de madeira primorosamente entalhada, o incendio destrui-os como se pode ver das gravuras que publicamos a pag.^{as} 228 e 229.

Se bem que os estragos do incendio se limitassem a uma parte do edificio, é, comtudo bastante para lamentar que mesmo essa parte soffresse tão horrivel desastre.

O governo hespanhol, que tem ultimamente cuidado da conservação da Alhambra, como d'um monumento de mais gloria para a Hespanha, não descura de reedificar o que o incendio destruio, e o inspector das antiguidades historicas, sr. Velazques, dirigiu-se immediatamente a Granada, por ordem do ministro do fomente, para de acordo com o architecto sr. D. Mariano Contreras, restaurador do Alcaçar, proceder d'esde já a elaboração do projecto para restaurar os estragos do incendio.

SUBMARINO ELECTRICO DE «POINT-DU-JOUR»

Este submarino francez, ha pouco concluido, é o que offerece as ultimas novidades n'este genero de barcos, principalmente os seus geradores electricos. O barco não tem maior extensão que 4,^{m}50 tendo na sua maior altura 1.^{m}60.

A tripulação compõe-se apenas de dois homens, e nem as acanhadas dimenções do barco permittem mais. Tres pilhas electricas de bisulfato de mercurio, variedade do typo Marie-Davy, systema Schanschieff, reputadas de uma intensidade ineterrupta, fornecem a energia necessaria, para o movimento do helyce, o qual se pode mover em todos os sentidos, conforme a necessidade do barco, em avançar ou recuar, em subir ou descer dentro d'agua.

Este submarino é destinado só á defeza e o auctor assegura, que elle poderá manobrar dentro d'agua de modo a inutilisar os torpedos, cortando os fios conductores que os ligam a qualquer navio que queiram destruir, etc.

De modo que assim se couclue que, se a sciencia trabalha para aperfeiçoar e descobrir mil modos de destruir pela arte da guerra, a mesma sciencia não descança em descobrir meios a opor a essa corrente destruidora.

Os periodicos francezes da especialidade tecem os mais levantados elogios ao nove submarino, e nós acreditamos que elle venha marcar mais um aperfeiçoamento n'este genero de barcos, mas o pouco resultado pratiço, que por emquanto tem dado os submarinos, parece que elles ainda se acham longe de ter dito a ultima palavra.

A gravura que mostra o submarino *Point-du-jour* dispensa-nos de mais discripção, mesmo porque a sua parte externa é que é a conhecida, e esta mostra que oito olhaes de vidro collocados no seu circuito dão luz para o interior do barco, e que a entrada para este se faz pela parte superior descendo ao centro uma escada.

ESTUDOS HISTORICOS

O GENERAL GOMES FREIRE

III

O martyr

(Continuado do n.º 423)

Wiliam Carr Beresford na perseguição a Gomes Freire de Andrade demonstrou um caracter tão baixo e uma vileza de tal ordem que só um inglez os podia comportar. Não foi um juiz. Não foi um chefe militar que para sustentar a disciplina tivesse de reprimir qualquer movimento colectivo que a pozesse em cheque.

O *marquez de Campo Maior* Beresford, não foi pois como juiz, nem como chefe superior do exercito, que prendeu e infamou um tenente general portuguez. Foi como inglez. Era o odio, a inveja, o rancor contra Gomes Freire que o desprezava, que nunca lhe deu importancia, e que mais dia menos dia vinha a alcançar o prestigio fundado no brio militar, na bravura, energia e rapidez de resoluções que só tinham os soldados que haviam servido nas fileiras dos filhos da Revolução.

Beresford considerava este paiz como um governo inglez e passava-lhe pela mente a visão de um Protectorado de que elle seria o chefe, com o nome de Guilherme I.

Porque não? — Bernardoti não foi rei da Suecia? E o general Soult, duque de Dalmacia não o esteve para ser dos luzitanos?

A regencia do reino não tinha um unico patriota, e um dia um pequeno golpe de estado entregava o poder por completo nas mãos de Guilherme Beresford.

Brio nacional! Mas ninguem chamava *inglez* ao marquez de Campo Maior e conde de Trancoso...

Na carta que publicámos se mostra o respeito, quasi adoração, dos officiaes portuguezes pelo cruel disciplinador de Albuera e Fuentes de Oñoro.

Carr Beresford éra — O Marechal, o Commandante em chefe do exercito! — não era um inglez, nem um estrangeiro. Assim o pensavam n'aquelle tempo os officiaes portuguezes! O proprio major Moraes Sarmento lá diz na sua carta: — «...quando vi o commandante em chefe do exercito assegurar-me de todas as maneiras que o serviço do rei e da patria» (a Inglaterra?) «exigia de mim um sacrificio, em que não perigava a minha honra e posso tambem accrescentar o meu nome, julguei cumprir com o meu dever obedecendo. Julgue-me quem quizer e da maneira que quizer...»

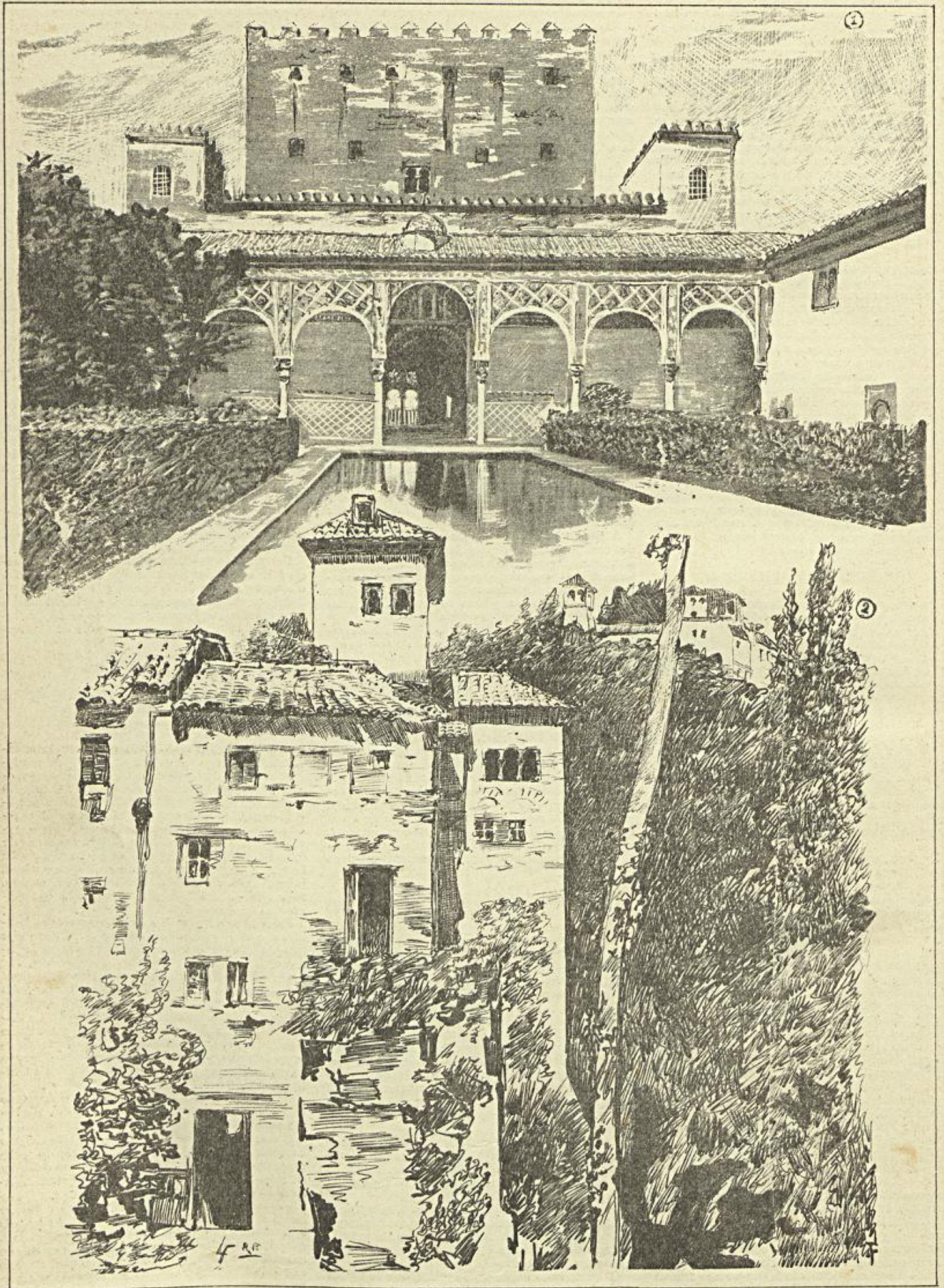
Por isto se vê que no exercito ninguem se lembrava que Beresford era um inglez. É claro que quando elle fallava na Patria pensava na Inglaterra.

Os officiaes superiores do exercito eram quasi todos inglezes e dos officiaes nossos não havia um que possuisse as tradições da valentia e intelligencia do tenente general Gomes Freire de Andrade, e Carr Beresford logo viu n'elle o unico homem capaz de n'um só golpe destruir todos os seus secretos planos em favor de uma situação que nos ligasse para sempre ao poder da Grã-Bretanha.

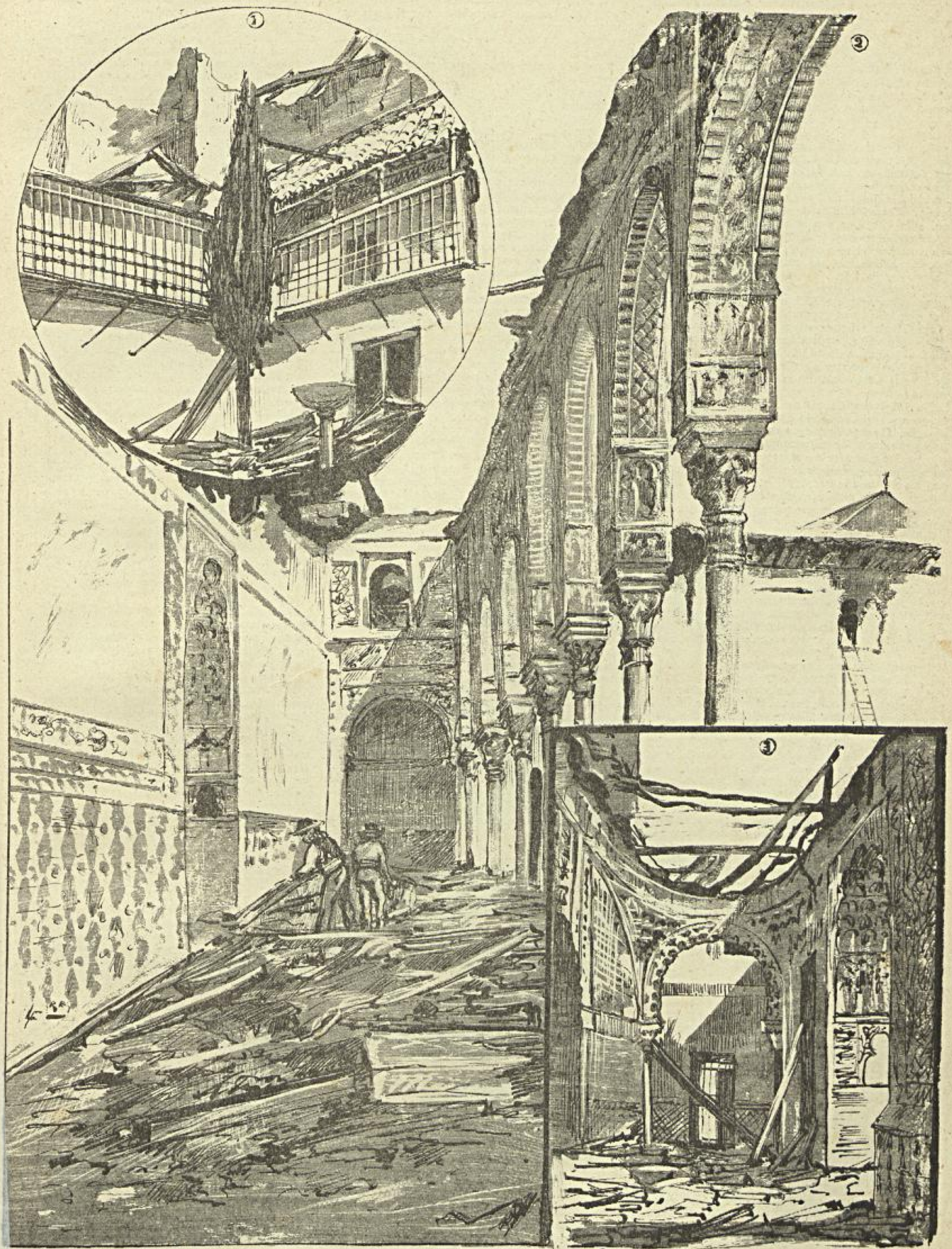
Não foi ao principio facil a execução do plano de Beresford porque a vida de Gomes Freire como particular e como general era irreprehensivel.

N'este tempo e sob o regimen do absolutismo considerava-se em muito a auctoridade do soberano, mas o rei estava na America, e era o senhor D. João VI, de quem Pinheiro Chagas diz na *Historia de Portugal*.

«Tratou de pôr a salvo a sua pessoa e bens, e isso lhe bastava. Partiu deixando o reino entregue a si mesmo; o reino depois de rudes provações, por si mesmo tratou da sua salvação, e quando o monarcha absoluto regressou, do seu doirado exilio do Rio de Janeiro, para a terra do seu berço, encontrou de pé, a pedir-lhe, com energia, garantias para os seus direitos e as suas liberdades, uma entidade que elle não conhecia, ou que nunca vira senão como turba ajoelhada a seus

O INCENDIO DA ALHAMBRA

1 Pateo de «La Alberca» ou de «Los Arrayanes», antes do incendio.—2 Torre de «Las Damas» e casa de «Melgarejo».

(Segundo desenhos publicados pela *Illustracion Española y Americana*)

O INCENDIO DA ALHAMBRA

1 Pateo de «D. Juana La Loca».—2 Galeria do pateo de «Los Arrayanes».—3 A sala de «La Barca», depois do incendio.

(Segundo desenhos publicados pela *Illustracion Española y Americana*)

pés, comparseria tumultuosa do theatro politico — o Povo!...»

*

* *

Gomes Freire, já pela sua intelligencia, já pelo conhecimento que tinha dos negocios politicos, era incapaz de se pôr á frente de uma conspiração tão estupida como aquella que nos descreve o major Pedro Pinto de Moraes Sarmento.

Pois não se vê ali, n'aquella funebre carta, — porque é um documento que descobre por demais a crueldade dos que preparavam, a frio, o *guet-apens* em que devia cahir Gomes Freire — não se vê ali as dezenas de vezes em que um desgraçado, Cabral Calheiros, procura apresentar o major Moraes Sarmento ao general Gomes Freire, sem que este nunca possa ser encontrado! Que chefe militar, que triste conspirador! que receava ser visto por um seu subordinado! E houve alguma vez no brioso e valente Gomes Freire, receios?!...

E' preciso não fazer á memoria de Gomes Freire a injuria de que elle dirigisse aquella soez e desorientada conspiração.

Pois Gomes Freire era o chefe de uma conspiração que tinha por fim derribar o regimen absoluto e expulsar do exercito os officiaes inglezes, e nunca foi visto nem ouvido por nenhum dos filiados, nem se encontra um papel que o comprometta!

No julgamento, onde melhor se deviam apurar as responsabilidades do chamado chefe da conspiração, Gomes Freire, não se encontra uma unica acareação de testemunhas ou cumplices com o general! Elle esteve sempre no segredo, e nunca soube o que as testemunhas tinham deposto pró ou contra elle!!!...

Não se póde admittir que o brilhante auctor da *Reorganisação do exercito portuguez* dirigisse uma revolta tão ineptamente.

Não apparece entre aquelles infelizes que estiveram nas reuniões presenciadas pelo major Moraes Sarmento, um homem de prestigio, um militar de nome! O proprio Antonio Cabral Calheiros, que na historia apparece como aliciador de conjurados, requer n'um documento que temos á vista, datado de 28 de maio de 1816, ao coronel de infanteria n.º 10 Donald Mac-Neil (outro inglez!) que o leve á presença de Beresford para fazer importantes denuncias.

Na denuncia escripta e assignada por este Cabral Calheiros, affirma elle que existe uma *Sociedade de reforma de governo* composta dos seguintes membros: Gomes Freire, Barão Eben, D. Nuno Alvares Pereira, Marquez de Ponte de Lima, brigadeiro José de Vasconcellos, e o conde de Peniche filho, capitão de cavallaria.

No marquez de Ponte de Lima, D. Nuno Alvares Pereira e conde de Peniche, nem se falla no processo. Como é que só foi considerado conspirador Gomes Freire ao qual nenhum dos chamados cumplices sequer viram uma vez! o proprio sr. Pinheiro Chagas que acredita na conspiração *dirigida por Gomes Freire*, diz que a unica prova que apparece a respeito do barão de Eben não tem valor! Com respeito a provas affirmativas da cumplicidade do general Gomes Freire nada se nos depara. E a sanha contra elle, dos que se diziam seus amigos era tal, que ficou bem evidenciada no seguinte periodo de uma carta do governador do reino D. Miguel Pereira Forjaz, depois conde da Feira:

«He verdade que a execução se prolongará pela noite mas *felizmente* ha luar...»

Isto escrevia D. Miguel Forjaz em 18 de outubro de 1817 em resposta a uma carta do Intendente geral da policia, João de Mattos Barbosa e Vasconcellos, em que lhe fazia ver o inconveniente da execução de um tão grande numero de suppliciados no mesmo dia.

Felizmente ha luar! quer dizer — Podem matar essa gente á vontade que não faltará luz! Acabemos depressa com todos que podem evitar a subida ao throno do inglez Guilherme I.

A conspiração existia, principalmente no exercito; mas não tinha um chefe militar, uma brigada, um regimento, uma companhia, um pelotão sequer de soldados!

A conspiração existia; mas na lista dos conspiradores, entregue por Cabral Calheiros que aliciava gente para ella, vem o nome do brigadeiro José de Vasconcellos, e era este mesmo brigadeiro que commandava as tropas que rodeavam o cadafalso do Campo de Sant'Anna no dia que precedeu a tal noite em que *felizmente havia luar* para satisfazer a vilissima vingança do inglez Beresford.

A conspiração existia; mas foi necessario inventar a razão da sua existencia, e para isso Carr Beresford insinuava, em 10 de junho de 1817 a D. Miguel Forjaz, o questionario que devia ser apresentado ás pessoas, não implicadas na sedição, que quizessem depôr *em segredo!!* E com este fim se avivavam as ruins paixões de todos que odiavam o espirito superior, a figura brilhante de Gomes Freire!

A 10 de junho de 1817 enviava Wiliam Carr Beresford a D. Miguel Forjaz o infame questionario composto de onze perguntas, sendo a ultima a seguinte: — *Se tendes ouvido fallar ou dar sua opinião,* (de Gomes Freire) *e desenvolver seus sentimentos, sobre o governo monarchico, ou republico; ou fazer comparação entre elles?*

O inglez punha Gomes Freire no Calvario e chamava todos os judeus, esses vis que odeiam e invejam tudo quanto é digno e de valor incontestavel, a virem cravar a lança do seu odio no martyr que a Inglaterra crucificava pelo crime de desprezar o inglez e amar a Patria!

E para isso lá estava o questionario, sem trazer responsabilidade alguma a quem respondesse a elle, — porque era feito em segredo! — lá estava o questionario, como meio infallivel de calumniar a salvo a victima que se desejava abater, lá estava o querido questionario de Beresford que havia de provar que a conspiração existia e que o general Gomes Freire era o seu principal director.

A conspiração existia; e não apparece filiado n'ella, nem por denuncia de Moraes Sarmento o homem de Beresford, nem pela de Cabral Calheiros, um só dos amigos do general, como: Francisco Zacharias d'Araujo, conde de Bobadella ou Ayres de Saldanha!

Com razão pensava Gomes Freire de Andrade que devia ser odiado por Beresford, e a prova é que estando elle em 1814, em Grenoble (França) só em 1816 apparece em Tondella na provincia da Beira onde viveu como que escondido em casa do conde de Bobadella. E tinha razão. Não tardou muito que o leopardo lhe ferrasse as garras. E não falteram hienas do paiz que se cevassem no cadaver do martyr.

(Continua) *Manoel Barradas.*

A MATERIA

XI

Á distancia de cento e quarenta e cinco milhões de kilometros do Sol, segundo os calculos de Encke, Foucault, Kinde, Secchi, centro do nosso céo astronomico encontra-se, rodeado de muitos outros de mais elevada ou mais humilde categoria, sulcados por uma humanidade talvez revolta pelas mesmas paixões que mortificam a nossa, um planeta, pequeno comparativamente falando, cujo volume alcança a mil e oitenta e tres quatrilliões cento e cincoenta trilliões de metros cubicos, e pesa cinco mil oitocentos e oitenta e um quatrilliões de toneladas.

Objecto de innumeraveis lendas em prosa e em verso ameaçado a cada passo de destruição pelos antigos e modernos prophetas, calumniado pelos theologos que nos mandam abhorrecel-o e amaldiçoal-o, alcacer de prazeres para uns, valle de lagrimas para outros, esse planeta, cuja origem se perde nas hypotheses das cosmogonias scientificas e religiosas, é a Terra.

Consta ella, unica e exclusivamente, de materia.

A materia, derivada de *mater*, molde dos corpos, é o que produz ou pode produzir em nossos orgãos um conjuncto de sensações determinadas, que manisfesta, para melhor dizer, a sua existencia por meio de uma acção qualquer.

Qual é a essencia da materia?

Qual foi o seu principio?

Na ordem interminavel dos tempos, diz Laplace, desenvolvendo uma idéa emittida por Kant e posta em voga de novo por Herschell, houve um periodo durante o qual uma massa ignea, vaporosa, candente, destinada a ser o nosso Sol, errava pelo espaço infinito sob o imperio da força de gravitação que n'ella exerciam outros corpos celestes. O movimento rotatorio rapidissimo, violento, que animava essa massa, imprimia ás moliecu-las, de que era composta, uma forte tendencia centrifuga, e dava logar a que dos pontos mais distantes do centro se separassem da peripheria largos aneis de materia ardente, lançados no espaço, do mesmo modo que a espuma das ondas embravecidas, arrebatada pelo vento.

Estes aneis de materia cosmica, segregados da mole solar, teriam continuado a viajar eternamente pelos campos ethereos, na direcção da tangente á orbita do astro central, se a força attractiva do Sol, equilibrando a impulsiva, origem do seu movimento, não os houvesse forçado a um movimento circular de translação á roda do mesmo Sol.

Sendo extremamente frias as regiões do céo onde se effectuava o movimento, não podendo nunca a sua temperatura, segundo os calculos dos physicos, ser inferior a 140° abaixo de zero, os aneis rodantes de materia solar, em contacto com essas geladas atmospheras, foram perdendo a pouco a pouco o calor, contrahiram-se em volumes gradualmente menores e, reunindo-se aos centros de attracção mais eminentes, adquiriram paulatinamente a figura de espheroides de revolução, conforme os principios geometricos e mechanicos ensinados por Huyghens e Newton.

Esta é segundo a doutrina dos mais illustrados mestres, a origem commum de todos os planetas, e os pallidos aneis de Saturno ainda se acham suspensos debaixo da abobada do céo, para recordar-nos a forma antiga, a genese das espheras que visivel e invisivelmente brilham em torno do nosso planeta. Esses aneis foram em tempo uma simples inchação equatorial, permittam-nos o vocabulo, do planeta progenitor; dia virá em que se hão de tornar satellites esphericos, semelhantes ás oito luas que alumiam as noites de Saturno.

Tal o principio do espheroide que habitamos, o qual, de astro gazoso que foi na sua primitiva formação, se converteu em massa liquida, e, cedendo successivamente aos espaços uma quantidade sempre maior do seu calorico, se consolidou na superficie, apresentando-nos agora uma crusta de 48 kilometros, que é o grande deposito da materia, objecto d'este artigo.

Não é intuito nosso discorrer ácerca das revoluções que precederam a solidificação que indicámos, nem entreter os leitores com as theorias que tanta fama grangearam aos nomes immortaes de Laplace, Cuvier, Elias de Beaumont, Lyell e Darwin, theorias que Reclus e Davy diligenciaram combater; advertiremos sómente que o raio medio da terra é de 6336 kilometros, e que para obter a solidificação de 48 kilometros, que é a espessura actual da crusta do globo, foram necessarios, segundo os calculos geologicos, tantos seculos, que nem sequer approximadamente é possivel fixar-lhes o numero.

Falámos da genese do nosso planeta; alguns philosophos antigos e modernos, dissertando sobre o principio da materia agglomerada na superficie d'este, não nos parece que andassem melhor que andam quando buscam como auxiliares os padres da egreja grega ou latina, os sabios pagãos e os romanos theologos que bebem as suas inspirações em Bossuet, Rosmini, Rosely de Lorgues ou no cardeal Wiseman.

Uns e outros perdem-se no mar do infinito e debatem-se n'um circulo vicioso: nós contentar-nos-hemos com chamar á materia *prole que não teve pae nem mãe* e limitar-nos-hemos a um breve estudo dos seus phenomenos e das suas propriedades.

F.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XXV

— O que quer dizer isto! perguntou a Emilinhas muito espantada depois de ler a carta.

— Eu sei lá o quer dizer!... Quer dizer que essa rapariga está doida! respondeu o Quim muito aborrecido.

— E agora!

— Agora o que!

— O que tencionas fazer!

— Eu!

— Sim!

— Não tenciono fazer nada.

— Então não respondes á carta!

— Eu não senhor. Então o que hei de responder a isto!

— Qualquer coisa, mas não responder é má creação, e depois nós somos obrigados áquella gente, é preciso tratal-a com certas attenções.

— Então queres, que case com ella!

— Talvez não fosse nenhuma asneira...

— Ora adeus!

— Não sei! não sei! disse a Emilinhas com um ar de quem sabia.

— Ella não tem nada, nem o pae, nem a mãe...

— Mas o tio Prophyrio avesa bem bons vintens.

— O tio Prophyrio! Quem é o tio Prophyrio!

— O tio d'ella, o irmão do pae...

— O que! O pae tem algum irmão!

— Tem: um que está na Bahia.

— Ah! está na Bahia!

— Está ha muitos annos!

— Então está longe...

— Pois sim, mas tem muito dinheiro.

— Ora! Tu já lh'o contaste!

— Não, mas sei.

— E quem sabe se elle terá por lá herdeiros.

— Não tem tal, deixa tudo á pequena.

— O' homem! ademira-me muito isso e ella não ter ainda achado marido!...

— E' que muita gente não sabe.

— Bom, disse o Quim depois de pensar um bocado, eu sempre lhe respondo

— E então o que lhe dizes!

— Digo-lhe assim umas coisas que não sejam nem carne nem peixe... e ao mesmo tempo escrevo ao Motta.

— Ao Motta! Quem é o Motta?

— E' o chanceller do consulado da Bahia.

— Ah! tu conheces o chanceller!

— Conheço, é muito meu amigo! Escrevo-lhe a pedir informações do tio Prophyrio.

— Fazes bem, fazes bem, approvou a Emilinhas.

— Como é o nome todo d'elle? Prophyrio de que?

— Prophyrio não sei de que Guedes...

— Bem, é o bastante!

E o Quim pondo logo em pratica o seu plano, sem mais delongas, escreveu ao amigo Motta pedindo informações do Prophyrio Guedes, e escreveu a Alicesinha agradecendo-lhe o seu ardente amor, assegurando-lhe que lhe correspondia com igual affecto e escusando-se ao mesmo tempo de pedir immediatamente a sua mão como ella desejava, porque esperava para isso ser promovido na companhia dos seguros, promoção que esperava muito breve.

E deitando as duas cartas no correio ficou muito descançado esperando os acontecimentos, porque de duas uma, ou as informações eram boas, o tio Prophyrio era rico e elle casava immediatamente ou as informações eram más, o tio Prophyrio não tinha vintem e então elle nunca era promovido na companhia de seguros.

*

* *

A menina Alice esperava anciosa a rosposta da sua carta, a certeza da sua vingança d'aquelle bigorrilhas do Dominguinhos que lhe preferia a delambida da Ignacinha e por isso foi com o coração a palpitar, como se tivesse subido a galope a calçada da Estrella que ella abriu a carta que a Genoveva, a companheira sua intima e confidente, lhe entregara, segundo as suas recomendações, instantes de andar sempre d'olho á espreita quando o correio batesse á porta.

Leu a carta e ficou de orelha murcha.

Não era aquillo que ella queria

A tal historia de esperar pela promoção na companhia de seguros não lhe sorria muito.

Essa promoção quando viria! Lá para as kalendas gregas, e ella o que queria era o casamento immediato ao mesmo tempo ou ainda antes, se possivel fosse, do casamento da Ignacinha a vingança era assim.

Demais a mais, o Quim nem sequer se offereceu para a pedir em casamento antes, embora depois tivessem que esperar algum tempo antes que elle se effectuasse.

Se ella tivesse outro namorado ali á mão de semear, com que prazer que mandaria o Quim Barradas pentear macacos! Mas não tinha, e por isso o que lhe restava fazer era arremediar-se com elle, transigir, ver se conseguia arranjar uma vingançasinha qualquer, embora não fosse tão brilhante e completa como a desejára.

E n'este sentido escreveu ao Quim muito attenciosa, muito amorosa, dizendo-lhe que sim, que estava prompta a esperar pela promoção, mas que para estarem mais á vontade, para se poderem ver a miudo, sem mysterios nem esconderijos era melhor elle ir já pedindo-a em casamento.

E' claro que o Quim não esteve pelos ajustes, pois esses ajustes desmanchavam completamente toda a sua tactica diplomaticamente habilidosa.

O que elle queria, como vimos era entreter tempo até da Bahia vir a resposta do Motta, e sem essa resposta chegar não lhe convinha de modo algum ou prender-se por um pedido de casamento, ou romper, por uma recusa formal a esse pedido.

E por isso respondeu á carta da Alice com evasivas, com subterfugios, procurando entreter tempo que é o que elle queria e o que elle precisava.

E conseguiu esse *desideratum* durante alguns dias

Carta para lá, carta para cá, perguntas, respostas, refutação d'um argumento, argumento novo que se impõe, nova refutação e novo argumento tudo isso foi entretendo uns dias a 25 reis e ás vezes a 50 reis de estampilhas quotodianas, e o Quim exultava por ver que ia conseguindo o que desejava, e que a Alice acceitara a questão no pé que elle queria, no pé da discussão epistolar, que elle demoraria com mais ou menos habilidade até chegar a carta do Motta.

A Alice prestara-se muito melhor do que pelas primeiras cartas elle julgára, a essa discussão e tudo corria ás mil maravilhas até ao dia em que pela manhã o Quim Barradas e a Emilinhas receberam a visita do sr. Leitão sua esposa e menina Ignacinha, a participarem-lhe officialmente o proximo enlace da mencionada menina, e a convidarem o Quim e a mana para assistirem á cerimonia religiosa que se devia effectuar d'ali a oito dias, á 1 hora da tarde na egreja parochial de S. José, freguezia da noiva.

Momentos depois de ter rodado o trem com a familia Leitão parava á porta do Quim outro trem com a familia Pereira.

O sr. Pereira, a sua esposa e o Dominguinhos em pessoa, iam participar á Emilinhas e a seu mano, o enlace do referido Dominguinhos que se devia effectuar d'ali a oito dias, á 1 hora da tarde na egreja parochial da Magdalena, freguezia do noivo.

— Na Magdalena! repetiram ao mesmo tempo o Quim e a Emilinhas, muito admirados.

— Na Magdalena sim senhor, confirmou a mãe do Dominguinhos, porque se admira? Na Magdalena que é a freguezia do noivo.

— Mas...

— E os casamentos devem realisar-se sempre na freguezia do noivo, disse o sr Pereira, desde o momento que o noivo, o macho, é o chefe da familia.

— Mas a mãe da Ignacinha sahiu d'aqui agora mesmo, disse a Emilinhas, e se não me engano, parece-me que ella disse que a cerimonia era na egreja de S. José.

— Disse com certeza, affiançou o Quim.

— E' a tal coisa! disse a sr.ª Pereira para o marido piscando o olho.

— Pois se disse isso enganou-se, tornou o sr. Pereira porque o casamento é na igreja da Magdalena.

— Os paes da Ignacinha explicou então á mãe do Dominguinhos, querem por força que a noiva é que prepondere no casamento.

— Como lá em casa quem governa é a femea, commentou o sr. Pereira, e como o Leitão é um banazola, um pateta, imaginam que em casa da filha hade ser a mesma coisa.

— Pois estão enganados! muito enganados! disse a sr.ª Pereira.

— Muitissimo enganados! corroborou o marido: em casa de meu filho hade preponderar o chefe da familia.

— Mas não vale a pena estar a fazer questão, papá, começou a ponderar, muito conciliador o Dominguinhos.

— Qual não vale a pena! Quem é o homem? És tu ou ella? És tu? Portanto se tu és homem, o casamento hade ser na Magdalena decidiu intransigente o sr. Pereira.

(Continúa)

Gervasio Lobato

NOVIDADES DA SCIENCIA

FABRICAÇÃO APERFEIÇOADA DE PAPEL ENCERADO. — Até ao presente para se fabricar o papel encerado operava-se da seguinte forma:

A cera collocada em um recipiente era fundida por meio do vapor circulante nos tubos. Um cylindro girante immergia na cammada superior do banho de cera derretida, e, retendo á sua superficie certa quantidade de cera que transmittia a uma folha de papel estendida sobre a superficie superior do mesmo cylindro.

O papel assim impregnado de grande quantidade de cera passa por um ou mais cylindros quentes afim que a cera penetre bem uniformemente o papel. Segue a operação pelas rasouras e por fim por um ultimo cylindro quente.

Todas estas operações são assás difficeis de bem regularisar e o fabricante é sujeito a consumir mais quantidade de cera do que seria necessaria, dando-se portanto desperdicios notaveis.

Alem d'isso o emprego das rasouras demanda precauções e lentidão no seu uso para evitar que o papel se rasgue ou fique com dobras e vincos. Tambem não se póde senão servir de papel relativamente forte o que dá causa a maiores dispendios.

O Moniteur de la papeterie française noticia que acaba de inventar-se um apparelho que evita todos aquelles inconvenientes. Em vez de encerar o papel em excesso, cobre-o uniformemente d'uma fina camada de cera, ou parafina, vindo a produzir, sem o auxilio de rolos quentes, ou rasouras excellente papel encerado da melhor qualidade que o fabricado pelo antigo processo.

TEMPERA DO AÇO. — O capitão C. Teodosieff de Saint-Petersburgo, inspector dos materiaes empregados nas construcções navaes do governo russo, propoz-se a empregar a glycerina para a tempera do aço.

A densidade da glycerina póde variar de 1,08 a 26 a 15 graus centigrados pela addição de mais ou menos quantidade de agua segundo a composição de aço e o fim a realisar. E' preciso um peso de glycerina egual a seis vezes pelo menos ao das peças a immergir. A temperatura do banho póde ser levada de 15 a 200 graus segundo a natureza da operação a executar. Póde juntar-se á glycerina diversos saes para augmentar o effeito desejado. Assim para a tempera forte poderá addicionar-se 1 a 34 p. c. de sulfato de manganesio, ou o,25 a 4 p. c. de sulfato de potassa.

Para as temperas brandas addiciona-se á glycerina 1 a 10 p. c. de chloreto de manganesio ou 1 a 4 p. c. de chloreto de potassio.

AS PONTES METALICAS DADAS COMO PERIGOSAS EM CONSTRUCÇÕES DE CAMINHOS DE FERRO. — Na Austria estão-se organisando commissões de vigilancia, de uma maneira systematica, em 614 pontes metallicas de caminhos de-ferro, destinando-se a essa vigilancia uma verba permanente.

Esse serviço não se limita só a vigilancia mas ás reparações de custeio, pinturas, reforços etc. E' este seguramente o meio mais certo de conservar a segurança da circulação sobre as pontes e de lhes assegurar a maior duração possivel.

A quéda da ponte suspensa de Maehrish-Ostran acontecida em 15 de setembro de 1886, e que teve consequencias graves, fez reconhecer a necessidade de haver as maiores precauções nas pontes metallicas, que, muitas vezes minadas pela ferrugem abatem quando menos se espera.

Desde a reconstrucção da antiga ponte suspensa do caminho de ferro de cintura de Vienna sobre o braço do Danubio, nunca mais se construiu na Austria pontes metallicas para caminhos de ferro.

O desastre de 15 de setembro demonstrou a acção rapida e destruidora da ferrugem. Importa por todos os meios de impedir a humidade permanente em diversos pontos d'uma ponte metallica, devendo vigiarem-se os sitios onde as cavilhas e rebordos se engatam e ver se ellas deixam algum intervalo entre as peças que devem estar em contacto intimo.

N'este caso devem, desde logo serem substituidas essas pequenas peças e renovar em parte ou na sua totalidade, a pintura de todas as peças suspeitas e suas adjacentes. As longrinas tambem requerem especial vigilancia, bem como as travessias etc. Devem-se formar tubos ou orificios de escoamento e proceder ainda a outros trabalhos de percaução que constituirão regulamentos especiaes.

Só assim as pontes metallicas podem subsistir nas construcções de caminhos de ferro.

S. P.

REVISTA POLITICA

Ainda não ha nada? andamos todos a perguntar uns aos outros desde o dia 17 do mez passado, sem obtermos outra resposta que, — ainda não, amanhã deve ficar tudo resolvido.

Já perceberam que nos referimos ao ministerio que está para vir, e não estranhem o perguntarmos isto, porque emfim chegamos a um ponto em que parece que ninguem percebe nada, incluindo aquelles mesmo que o destino parecia ter marcado para perceberem alguma coisa.

E se isto não é assim peço o favor de nos dizerem o que significa este adiar indefinido da solução da crise politica, solução que chega a zombar dos poderes de infallibilidade com que o sr. Martens Ferrão devia vir investido de Roma, de cujos poderes estava tão conscio sua excellencia, que esperava resolver a crise como o rei *Galantuomo* as resolvia no seu paiz quando os horisontes politicos tambem por lá se turvavam.

O sr. Martens Ferrão contou rindo das difficuldades que se apresentavam, que Victor Manuel

quando por lá tinha d'isto, ia para a caça e quando voltava da sua excursão venatoria, encontrava tudo resolvido e na melhor paz.

Ora nós cremos que o sr. Martens Ferrão teria resolvido a crise do mesmo modo, mas para isso esqueceu-se que lhe faltava uma coisa, — a caçadeira, de modo que depois de ter andado mais de uma semana por montes e valles, voltou sem perdizes, e ainda mais sinistro e carrancudo do que naturalmente é, a depôr nas regias mãos do monarcha o encargo que d'ellas tomara

Pois bem, se não vae com João Baptista, irá com João Chrysostomo, disse el-rei, e então chamou este ultimo para formar o ministerio.

Vae, porém, decorrida quasi uma semana, sem o sr. João Chrysostomo opperar o milagre, formando em cada dia dois e tres ministerios que logo em seguida se desmancham, exactamente como os balões de sabão.

Parece-nos que este fazer e desmanchar de ministerios não abona a prespicacia com que são organisados, e quanto mais se querem congrassar os elementos divergentes, mais se affastam e menos accordam no salvamento da causa commum, a patria.

Com os partidos militantes já se deve ter percebido que não se consegue um governo, nem sequer de transição, porque esses partidos já não occultam que os interesses da patria são muito respeitaveis, mas os interesses dos partidos tambem o são, d'onde se deve concluir que ha duas ordens de interesses na politica, interesses que não se combinam, e como quem não é por nós, é contra nós, claro está que os interesses dos partidos são contra os interesses da patria e vice-versa.

Cremos que todos já terão percebido isto, que afinal não é precisamente uma novidade, mas que emfim, uns restos de pudor necessario que os partidos ainda guardavam, tinha impedido de se declarar em boa letra redonda.

Eis o grau de immoralidade politica a que se tem chegado!

Já não é preciso que os alcunhados pessimistas o digam, são os proprios impenitentes que o confessam, e o que é mais, esta confissão importa uma declaração de imbecilidade, porque julgando os interesses partidarios superiores aos interesses da patria, que é a communidade, e sacrificando estes a aquelles, acabarão por perder tudo, porque a patria nada poderá então garantir.

E n'isto tem consistido a politica portugueza, explorada por individuos cuja estreiteza do seu ideal politico não vae alem das fronteiras e se limita aos campanarios, á réles intriga eleitoral dentro da qual vivem os governos sem governarem, e unicamente tratando de se sustentarem no poder, não pelos seus actos de politica patriotica e levantada a engrandecer o paiz, mas contentando galopins e defensores que se chamam partido.

E assim que temos vivido despreoccupados de relações internacionaes; é assim que temos vivido agrilhoados á alliança ingleza, n'um «doce engano d'alma ledo e cego» a que a *fortuna* pôz ponto, e quando conhecemos bem o abysmo a que essa descuidosa politica nos conduzio, os que cavaram esse abysmo, vem fallar dos seus interesses e abandonam a patria á mercê da sorte, sem empregarem um esforço para a salvarem de tantos erros em que a abysmaram.

E n'esta situação angustiosa todos perguntam pelo governo, e nas folhas diarias só se encontra: «Continuam as combinações para a solução da crise, parece que amanhã ficará tudo resolvido,» e depois n'um á *ultima hora:* «a combinação que o sr. João Chrysostomo tinha feito falhou porque o sr. F. nega-se terminantemente a formar parte do ministerio».

João Verdades.

RESENHA NOTICIOSA

PHOTOGRAPHIAS. — O sr. Luiz Cordeiro Godinho, assignante do OCCIDENTE teve a amabilidade de presentear o nosso periodico com quatro magnificas photographias de monumentos nacionaes, que o mesmo sr. photographou com inexcedivel gosto e perfeição.

Brevemente esperamos poder publicar no OCCIDENTE a reproducção d'aquellas photographias, em gravura.

Ao sr. Godinho agradecemos a sua extrema amabilidade.

FALLECIMENTO D'UM ARTISTA. — Falleceu no dia 5 do corrente, em Lisboa, o antigo professor jubilado de pintura historica o sr. Antonio Manuel da Fonseca. O fallecido contava 93 annos de idade, pois nascera em 1897 e foi estudante da extincta escola de desenho dos Caetanos, mas completou os seus estudos em Roma onde foi estudar pensionado pelo Estado e pelo conde de Farrobo.

E' grande o espolio artistico d'este artista tanto em composições suas como em copias de quadros de mestres, o que se pode ver no Museu Nacional de Bellas-Artes.

O antigo palacio dos Condes de Farrabo no largo do Quintella, hoje propriedade do sr. Francisco Antonio Mendes Monteiro, possue muitas pinturas decorativas d'este artista, que filho de artista, perpetuou as tradições de familia, deixando um filho tambem artista de grande merito, o sr. Antonio Thomaz da Fonseca, director da Academia de Bellas-Artes.

Esperamos occupar-nos mais largamente d'este fallecido artista e das suas obras.

COLYSEU DOS RECREIOS — A companhia de opera comica italiana, que veiu inaugurar o Colyseu, tem agradado extraordinariamente, chamando todas as noites ao Colyseu grande concorrencia de espectadores attrahidos pela variedade do reportorio e bom desempenho dos artistas.

Esta companhia, porém, está a terminar os seus espectaculos, para dar logar á companhia equestre e acrobatica que muito breve inaugura a sua epoca de inverno.

Esperam-se maravilhas da nova companhia.

SUBMARINO ELECTRICO «POINT-DU-JOUR»

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Relatorios do Banco Nacional Ultramarino *desde o anno da sua fundação em 1865 até 1889.* Lisboa, 1890. Um grosso volume de 913 pag.^{as} e um mappa do traçado do Caminho de ferro de Loanda a Ambaca. São vinte e cinco os relatorios que este volume encerra, tantos como os annos de existencia do Banco Nacional Ultramarino, uma existencia cheia de dificuldades de toda a especie, que por vezes chegaram a ponto de quasi matarem este estabelecimento de credito, como é geralmente sabido, e os relatorios agora publicados o confirmam.

Felizmente o Banco Nacional Ultramarino tem entrado n'estes ultimos annos n'um periodo mais desafogado, graças á zeloza administração que tem tido, e que tem empregado os maiores esforços em regular os negocios do Banco sob as mais sabias condicções economicas. É assim que o Banco conseguio dar no anno findo o dividendo de 3% livres do imposto de rendimento.

Nós folgamos que esta instituição de credito, da maior importancia para as colonias portuguezas de Africa, prosiga no caminho de regeneração e desenvolvimento tão necessario para bem poder servir o commercio africano.

O Convenio Luso-Britannico. *Representações da Sociedade de Geographia de Lisboa.* Um folheto de 32 paginas contendo a mensagem ao chefe do Estado dirigida pela sociedade em 9 de setembro d'este anno; mensagem dirigida aos socios pela direcção, em 22 do mesmo mez; representação á Camara dos Deputados, da mesma data; e a proposta de lei para a approvação do convenio e o convenio.

E sobejamente conhecida a mensagem ao chefe do estado e a representação ao parlamento feitas pela Sociedade de Gaographia, pois toda a imprensa se referio a estes documentos com o louvor que merecem, e portanto desnecessario é encarecer aqui a sua importancia aliás reconhecida por todos os bons patriotas.

Archivo dos Açores, *publicação periodica destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da Historia Açoriana.* Decimo vol. n.º LX com os indices dos 10 volumes. Ponta Delgada, 1890.

Annuario do Lyceu Nacional de Nova Gôa, pelo presbytero Filippe Nery Thomé Caetano do Rosario e Sousa, professor e secretario do mesmo lyceu, 1890. Nova Gôa. Imprensa Nacional.

É este o primeiro annuario que se publica do lyceu de Nova Gôa, fundado em 1855, e por isso digno de todo o louvor o secretario que o elaborou, procurando dar idéa da importancia d'este estabelecimento d'instrucção para o sexo masculino e feminino.

Tem este lyceu tido um certo desenvolvimento até aos annos de 1887, em que o numero de alumnos matriculados foi n'um crescendo regular, mas d'aquelle anno para cá o mappa das matriculas conserva-se estacionario com uma tendencia para diminuir, pois que tendo chegado em 1887 a 759 alumnos, no anno de 1890 a 1891 matricularam-se 654 ou menos 105 do que n'aquelle anno.

Outros dados offerece este annuario sobre as disciplinas leccionadas no lyceu, corpo docente, pessoal administrativo, sessões solemnes, alumnos premiados, etc.

Typ. e lyth. de Adolpho, Modesto & C.ª
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43